



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Perfil De Crianças Com Alergia À Proteína Do Leite De Vaca Em Um Município Do Sul De Santa Catarina

Autores: JOVANA RODRIGUES BEZ FONTANA (UNISUL), KARENN NACK STUEPP (UNISUL), ANA PAULA DAL TOÉ PIAZZA (UNISUL), MARIA LAURA RESENDE FERREIRA (UNISUL), LUANA DA ROSA SÉRGIO CAMPOS (UNISUL), ANDRÉ CESCNETTO (UNISUL), CHAIANA ESMERALDINO MENDES MARCON (UNISUL)

Resumo: A alergia à proteína do leite de vaca (APLV) é uma preocupação crescente na saúde pública, afetando principalmente lactentes com menos de três anos¹. Esta condição se manifesta através de sintomas imunológicos adversos, como gastrointestinais e dermatológicos, podendo ocorrer de forma imediata ou tardia. Com a complexidade e a prevalência em ascensão, é crucial compreender o perfil das crianças afetadas para melhorar os cuidados de enfermagem e orientar eficazmente os pais². Identificar o perfil das crianças com APLV e suas associações no município de Tubarão-SC. Realizou-se um estudo transversal com 40 mães de crianças diagnosticadas com APLV, cadastradas na central de distribuição de fórmulas especiais, entre agosto e dezembro de 2019. Os dados foram coletados através de questionários aplicados na Policlínica Central durante as consultas com nutricionistas. As informações foram processadas utilizando planilhas Excel e analisadas com o software SPSS, empregando epidemiologia descritiva para apresentação dos resultados. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina. Das 40 crianças estudadas, a média de idade foi de 12,08 meses, com 52,5% do sexo feminino. A prevalência de baixo peso atual foi de 45,0%, embora 35,0% tenham nascido com sobrepeso. A maioria dos partos foi por cesariana (68,0%), com complicações gestacionais como ruptura prematura de membranas (65,0%) e eclâmpsia (15,0%). Durante a gravidez, 47,5% das mães utilizaram suplementos vitamínicos, e a maioria das gestações não foi planejada (57,5%), com 80,0% dos nascimentos ocorrendo a termo. Em relação à alimentação infantil, 55,0% das crianças receberam aleitamento materno exclusivo no primeiro mês, mas apenas 37,5% mantiveram essa exclusividade até os seis meses. Manifestações clínicas comuns incluíram diarreia (72,5%), choro intenso (65,0%), cólicas (45,0%), presença de sangue nas fezes (62,5%), refluxo gastroesofágico (40,0%) e dermatite (47,5%). A maioria das mães (85,0%) não tinha alergias alimentares, mas 72,5% apresentaram alergias respiratórias. O estudo destaca que fatores como parto por cesariana e interrupção precoce do aleitamento materno podem influenciar o desenvolvimento da APLV. O perfil das crianças com essa condição em Tubarão-SC mostra predominância do sexo feminino, idade média de 12,08 meses e prevalência de baixo peso. As manifestações clínicas mais frequentes são variadas e incluem sintomas gastrointestinais e dermatológicos. O tratamento principal continua sendo a dieta de exclusão total do alérgeno, enfatizando a necessidade de cuidados especializados e suporte contínuo às famílias afetadas.